

Práticas Médicas na América Portuguesa

Daniela Buono Calainho

UERJ/FFP - Brasil

Companhia das Índias – Núcleo de História Ibérica e Colonial na Época Moderna

A renovação espiritual que caracterizou a Europa em inícios do século XVI foi um dos marcos importantes dos Tempos Modernos. O Concílio de Trento, palco desses novos ânimos, lançou as bases de uma ofensiva da Igreja romana em prol da catolização das massas na tentativa de deter o avanço protestante, além de reafirmar os antigos dogmas e sacramentos, a hierarquia e a disciplina eclesiástica. Resquícios de paganismo, superstições, despreparo do clero, comportamentos sexuais vistos como desviantes, tudo isto foi objeto de um amplo projeto de evangelização e reordenação social e moral, ancorado nos valores legitimamente cristãos, depurando-se os costumes e as moralidades que grassavam alheias aos ditames de Deus ¹. Formada em 1540 por iniciativa de Inácio de Loyola, a Companhia de Jesus se configurou como uma ordem modelo desse novo momento da cristandade, e uma vez estabelecidos em Portugal, coube aos jesuítas a tarefa missionária em seus domínios ultramarinos ².

A ação da Companhia de Jesus na área da saúde fez parte dos ideais inacianos onde quer que tenham se estabelecido, atuando na cura de doenças, epidemias, fundando hospitais e mantendo eficientes boticas e enfermarias em seus colégios na Europa, África, Oriente e no Brasil ³. Integraram-se ao esforço da travessia atlântica em direção às novas terras americanas, que com o avançar do processo colonizador, desvendava-se pouco a pouco. A implantação de uma estrutura administrativa, a progressiva ocupação territorial, o assentamento dos colonos, a organização dos primeiros engenhos açucareiros, a cristianização das comunidades indígenas, o enfrentamento de uma geografia, uma flora e uma fauna desconhecidas, foram grandes desafios que se impuseram nestes primeiros tempos aos portugueses recém-chegados a então Terra de Santa Cruz.

O primeiro governador-geral do Brasil, Tomé de Souza, trouxe consigo em 1549 os primeiros jesuítas, liderados por Manuel da Nóbrega, primeiro Provincial em terras coloniais. Verdadeiro estrategista da catequese, empenhou-se na organização dos primeiros aldeamentos para a conversão dos indígenas e na fundação, em 1553, do primeiro estabelecimento de ensino, o Colégio da Bahia, marcando assim os ideais que iriam desenvolver no Brasil: a atividade missionária e educacional.

Mas as mãos curativas dos inacianos foram uma grande âncora da saúde na colônia, atestada pela vastíssima documentação das correspondências dos jesuítas com seus irmãos em Portugal e no Brasil. A nova colônia americana, inspiradora de tantos encantamentos descritos pelas penas de cronistas e viajantes, assistiu, no entanto, à chegada impiedosa de inúmeras

¹ Ver Jean DELUMEAU, *El catolicismo de Lutero a Voltaire*, Barcelona, Labor, 1973, e ainda Michel MULLET, *A Contra-Reforma*, Lisboa, Gradiva, 1984.

² É vasta a bibliografia sobre os jesuítas no Brasil, e citemos o clássico de Serafim LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira*, 1938, 10 volumes.

³ Serafim LEITE, *Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil (1544-1760)*, Lisboa, Typografia do Porto, 1956, p. 7.

moléstias trazidas pelos portugueses, e ainda pelos escravos vindos da África, precariamente atochados nos tumbeiros a partir de finais do século XVI.

Desbravadores da natureza indômita do Brasil quinhentista, os clérigos da Companhia de Jesus enfrentaram duros desafios e árduas condições de subsistência: um clima instável, animais perigosos, mortíferos, como escorpiões, aranhas e cobras, ataques de grupos de nativos agressivos e surtos epidêmicos de doenças como malária, sarampo, febre-amarela, desintéria, impaludismo e varíola. Foram hábeis na observação dos sintomas, da evolução destas moléstias e na aplicação da terapêutica necessária para tentar curá-las. Cuidavam de índios feridos pelas guerras, de parturientes, drenavam pântanos para melhorarem as condições dos aldeamentos e reforçavam a alimentação dos doentes.

Alguns deles vinham já de Portugal formados nas artes médicas, mas a maioria acabou por atuar informalmente como físicos, sangradores e até cirurgiões, aprendendo, na prática, o ofício na colônia, como José de Anchieta, João Gonçalves ou Gregório Serrão. A escassez de médicos leigos formados por escolas de medicina na Europa, pelo menos até o século XVIII, fez dos jesuítas os responsáveis quase que exclusivos pela assistência médica no primeiro século de colonização do Brasil.

Ao longo do tempo, foram aperfeiçoando seus conhecimentos mediante contatos com os profissionais leigos residentes na colônia e ainda pela leitura de importantes obras de medicina, encontradas em muitas das bibliotecas de seus colégios. O do Maranhão, por exemplo, entre seus cerca de 5 mil volumes, vários tomos foram dedicados às artes médicas. Além das obras que vinham de Portugal, lembremos das trazidas pelo célebre Pe. Antônio Vieira, sem contar as que foram adquiridas por compra ou doações ⁴.

A botica do Colégio do Pará, segundo inventário datado de 1760, além de 20 tomos de medicina, continha recipientes diversos, estantes com mais de 400 remédios, fornalhas, alambiques, almofarizes de mármore, ferro e marfim, armários, frascos e potes de várias cores e tamanhos, balanças, pesos, medidas, tachos de cobre, de barro, bacias, prensas, tenazes, enfim, todo um aparato técnico para a confecção dos medicamentos. E com tudo isso era tida como uma botica modesta, comparativamente às existentes nos Colégios da Bahia e do Rio de Janeiro ⁵. Constituídas em geral por uma sala e uma oficina, dispunham ainda de uma espécie de loja, onde disponibilizavam seus produtos gratuitamente ao público, salvo para aqueles que tinham melhores condições financeiras e os podiam comprar. Os recursos oriundos destas vendas eram reinvestidos na própria botica e na aquisição de novos medicamentos e livros. Em muitas cidades e vilas eram as únicas disponíveis, e nas regiões onde existiam outras farmácias, proviam-nas, como foi o caso da botica do Colégio do Rio de Janeiro, que em 1706 era dirigida por um Irmão com grandes conhecimentos e estudos, e autor de inúmeras receitas ⁶. Os inicianos possuíam também embarcações que transportavam remédios ao longo da costa, como foi por exemplo o caso do Colégio do Maranhão, que através de sua “Botica do Mar”, abastecia a costa litorânea em direção ao norte, até o Pará ⁷.

Os medicamentos que supriam as boticas vinham do Reino, mas a pouca frequência de chegada dos navios e as eventuais perdas por deteriorização nas embarcações e nos portos obrigou-os, ao longo do tempo, a voltarem-se para os recursos naturais oferecidos pela terra, ajudados pelos conhecimentos dos indígenas. Os jesuítas foram exímios observadores da fauna e da flora brasileira, identificando variadas espécies e cultivando aquelas de efeitos curativos. Estudavam seu modo de ação para os inúmeros males que assolaram a população colonial,

⁴ Serafim LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil...* cit., tomo 4, p. 288

⁵ Idem, *Ibidem*, p. 190

⁶ Licurgo SANTO FILHO, *História geral da medicina brasileira*, São Paulo, Hucitec/Edusp, 1991, p. 127

⁷ Serafim LEITE, *Serviços de saúde...* cit., p. 14.

elaborando fórmulas e receitas, organizadas metodicamente com nome do Colégio onde foram criadas, autor, ingredientes utilizados, peso e finalidade ⁸.

Levaram para a Europa o conhecimento das virtudes terapêuticas de raízes, caules, folhas, cascas, sumos, polens, minerais e óleos, a exemplo da **quina**, planta da região da Amazônia, conhecida como “mezinha dos padres da Companhia de Jesus”. Também a **ipecacuanha**, erva excelente para problemas respiratórios, teve suas virtudes divulgadas em 1625 através de um manuscrito de autoria do Pe. Fernão Cardim, onde estavam arroladas várias receitas do Irmão Manuel Tristão, enfermeiro do Colégio da Bahia ⁹. E o mesmo Fernão Cardim descreveu as propriedades curativas de 14 espécies de plantas em seu livro **Tratados das terra e gente do Brasil**, escrito entre 1583 e 1601, quando desempenhou o cargo de secretário do padre visitador Cristóvão de Gouveia ¹⁰.

O Pe. Manoel da Nóbrega, por exemplo, remeteu a Portugal algumas conservas de efeito terapêutico, como suco de ananás verde, para “pedras e areias na urina”, recomendando que viessem ao Brasil os que desse mal sofressem. E sobre o tabaco, escreveu que “nesta terra do Brasil todas as comidas são difíceis de desgastar, mas Deus remediou isto com uma erva cujo fumo muito ajuda a digestão e a outros males corporais e a purgar a fleuma do estômago” ¹¹.

Das fórmulas medicinais dos inicianos, de uso privativo em suas farmácias, citemos uma compilação datada de 1766 e de autor até então desconhecido, intitulada **Coleção de várias receitas e segredos particulares das principais boticas da nossa companhia de Portugal, da Índia, de Macau e do Brasil, compostas e experimentadas pelos melhores médicos e boticários mais célebres que têm havido nessas partes, aumentada com alguns índices e notícias muito curiosas e necessárias para a boa direção e acerto contra as enfermidades**. Este vasto receituário, de mais de duzentos títulos, organizado em ordem alfabética, trazia em cada fórmula o nome do colégio onde foi preparada, a dose dos ingredientes, a indicação e o modo de administrá-la. Além das suas próprias, os jesuítas incluíram ainda aquelas elaboradas por médicos afamados, como Curvo Semedo, Jacob de Castro Sarmento, João Cardoso de Miranda e outros ¹².

Destacou-se desta *Coleção de receitas* a célebre **Triaga Brasileira**, composta de dezenas de ervas, plantas, raízes, gomas, sais minerais e óleos, para cura qualquer peçonha e mordedura de animais venenosos, além de outras variadas doenças. De largo consumo no Brasil e na Europa, vendida a preços altos, foi elaborada no Colégio da Bahia e gerou recursos consideráveis para esta instituição ¹³.

Todos os aldeamentos indígenas na colônia brasileira foram alvo da ação jesuítica na área da medicina e da saúde. Em 1574, o Provincial Inácio de Tolosa determinou que em todas as aldeias fossem criadas enfermarias e casas isoladas que funcionassem como hospital ¹⁴. Exemplo notável foi a passagem do Pe. José de Anchieta pelo Brasil, cuja correspondência deixou relatos impressionantes. Tendo como estímulo e exemplo o Pe. Francisco Xavier e sua atuação no Oriente, chegou à Bahia em 1553 com o segundo governador-geral do Brasil Duarte da Costa, e neste mesmo ano ajudou na fundação da vila de Piratininga, criando um colégio de nome “São Paulo” em homenagem ao apóstolo. Escrevendo ao próprio Inácio de Loyola, narrou as primeiras dificuldades desta empreitada:

⁸ Idem, *Ibidem*, p. 12.

⁹ Licurgo SANTOS FILHO, *História geral da medicina...* cit., p. 125.

¹⁰ Fernão CARDIM, *Tratados da terra e gente do Brasil*, Lisboa, Comissão para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.

¹¹ Serafim LEITE, «Os jesuítas no Brasil e a medicina», Separata da *Revista Petrus Nominus*, Lisboa, 1936, p. 13.

¹² Serafim LEITE, *História da Companhia de Jesus no Brasil...* cit., tomo II, pp. 583-584.

¹³ Lourival RIBEIRO, *Medicina no Brasil colonial*, Rio de Janeiro, Editorial Sul Americana, pp. 178-187.

¹⁴ Licurgo Santos FILHO, *História geral da medicina...* cit., p.126

“E aqui estamos às vezes mais de 20 dos nossos numa barraquinha de caniço e barro, coberta de palha (...). Isto é a escola, a enfermaria, o dormitório, refeitório, cozinha, dispensa. Não invejamos, porém, as mais espaçosas mansões que nossos irmãos habitam em outras partes (...). Nosso Senhor Jesus Cristo ainda em mais apertado lugar se viu, quando foi do seu agrado nascer entre brutos em uma manjedoura, e muito mais apertado então quando se dignou a morrer por nós na Cruz”¹⁵.

Anchieta aprendeu tupi, escreveu uma gramática, autos teatrais e criou uma “língua geral” no intuito de viabilizar a catequese. Escreveu em 1554 a alguns irmãos enfermos de Coimbra que em Piratininga servia de médico e barbeiro, curando e sangrando muitos índios, que segundo ele, sobreviveram graças a estas práticas¹⁶. Descreveu com detalhes dezenas de animais, a exemplo das diversas espécies de cobras venenosas: sua aparência, como atacavam, onde se escondiam, de que modo o veneno atuava, e ainda o tempo de sobrevivência das vítimas. Uma delas era chamada de boicininga, que significa “cobra que tine”, “paralizando com seu veneno a vista, o ouvido, o andar e todas as ações do corpo”, não durando mais de 24 horas o vitimado¹⁷. Em meio a esta multidão de répteis, porém, desabafou que “só o Senhor nos conserva incólumes, e confiamos mais nele do que em contra-veneno ou poder algum humano; só descansamos em Jesus, Senhor nosso, que é o único que pode fazer com que nenhum mal soframos, andando assim por cima de serpentes”¹⁸.

Os olhos dos jesuítas estavam diante de uma sociedade extremamente diferente, cujos costumes, crenças e ritos por vezes os assombraram, exigindo persistência e determinação ao lidar com o canibalismo, com a poligamia, com o incesto, com suas crenças e com a organização para eles caótica e do modo de vida do indígena. O Novo Mundo povoava-se de ameríndios tidos como bárbaros, ferozes, quase animais, intensificando-se os propósitos jesuíticos de resgatá-los desta espúria condição¹⁹. Nóbrega, indignado, via-os como “cães em se comerem e matarem, e são porcos nos vícios e na maneira de se tratarem”, “gente de condição mais de feras bravas que de gente racional”²⁰. Para Anchieta, inclusive, a própria integração e convivência tranqüila do indígena com a natureza colonial, para ele avassaladora, perigosa, misteriosa, era claro indício de uma animalidade²¹.

À percepção brutalizada e animalesca dos indígenas, associou-se a visão demoníaca, freqüentemente referida nas considerações dos inicianos ao lidar com este outro mundo. Sua habitação era a própria visão do Inferno, como narrou Fernão Cardim diante de tal ajuntamento de índios: “E como a gente é muita, costuma ter fogo de dia e noite, verão e inverno, porque o fogo é a sua roupa e eles são mui coitados sem fogo. Parece a casa um inferno ou labirinto, uns cantam

¹⁵ Lopes RODRIGUES, *Anchieta e a medicina*, Belo Horizonte, Apollo, 1934, p. 38.

¹⁶ Carta aos Irmãos enfermos de Coimbra, de São Vicente, 1554, in José de ANCHIETA, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1988, pp.141-142.

¹⁷ Carta ao Padre Geraldo, de São Vicente, no último maio de 1560, in José de ANCHIETA, *Cartas...* cit, pp. 152-154.

¹⁸ Carta ao Padre Geraldo, de São Vicente, no último maio de 1560. José de ANCHIETA, *Cartas...* cit, pp. 152-154.

¹⁹ Ronald Raminelli articula a trajetória do conceito de “bárbaro”, desde a sua origem na Antiguidade, considerado com a antítese da civilização, depois atravessando o mundo medieval, associado ainda ao paganismo, ao pecado, e por fim designando os povos ameríndios: “O barbarismo atravessou o Atlântico e encontrou solo fértil nas narrativas de viagens. Bárbaros eram os índios de corpos nus, bárbaros eram ainda os canibais na faina de esquartejar corpos e devorar a carne do inimigo. Bárbaros eram os guerreiros e seus embates eternos, seres sem Lei, sem Rei sem Fé (...). O bárbaro saltou dos escritos de Aristóteles e Santo Tomás de Aquino e mergulhou nos relatos sobre o cotidiano ameríndio”. Ronald RAMINELLI, *Imagens da colonização. A representação do índio, de Caminha a Vieira*, São Paulo, Edusp/Jorge Zahar, 1996, p. 54.

²⁰ Laura de Mello e SOUZA, *Inferno atlântico. Demonologia e colonização – Séculos XVI-XVIII*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993, p. 64.

²¹ Luiz Felipe Baeta NEVES, *O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1978, p. 54.

outros choram, outros comem, outros fazem farinhas e vinhos, etc. e toda casa arde em fogos”²². A incompreensão daquele espaço, gigantesco, cuja entrada eram “buracos”, superpovoado, sem distinções de nenhuma espécie, sem ordem, sem hierarquias, sem divisões de tarefas aparentes, sem normas familiares, causou enorme espanto e a certeza de que os aldeamentos, estes sim, território cristão, corrigiriam estas distorções²³. A ausência de leis, o desconhecimento total de regras, levando-os à exposição de seu corpo nu e à ingestão de outros, eram os responsáveis pelo sentimento de repúdio ao ameríndio²⁴.

Outro exemplo do quão intenso foi o olhar demonológico dos jesuítas e de muitos cronistas leigos e eclesiásticos sobre o Brasil está na percepção das práticas mágico-religiosas dos gentios, cujos principais protagonistas eram os pajés, agentes do espaço do sagrado, mas também agentes satânicos. A possibilidade de compreensão daqueles fenômenos estava na associação com os rituais sabáticos da feitiçaria européia, assimilando estes cronistas o que viam através de seus códigos culturais²⁵. Assim, a empreitada hercúlea da catequese esbarrou ainda na ação nefasta do xamanismo tupi, destacando-se no conjunto destes ritos variados procedimentos curativos, vistos como ilegítimos e demonizados pelos os inacianos. Este conflito se deu tanto no plano espiritual, como nas artes terapêuticas, considerados como feiticeiros e embusteiros²⁶. Citemos Nóbrega novamente, quando em 1549, na *Informação da terra do Brasil*, descreve um ritual das chamadas “santidades” ameríndias²⁷:

“Acabando de falar ao feiticeiro, começam a tremer, principalmente as mulheres, com grandes tremores em seu corpo, que parecem demoninhadas (como de certo o são), deitando-se em terra, e escumando pelas bocas, e nisto lhes persuade o feiticeiro que então lhes entra a santidade; e a quem isto não faz tem-lho a mal. Depois lhe oferecem muitas coisas e em as enfermidades dos gentios usam também estes feiticeiros de muitos enganos e feitiçarias”²⁸.

Detentores do saber nas comunidades indígenas, o pajé era alvo importante do projeto missionário. Era preciso desmascará-lo, mostrá-lo nos seus embustes e falsidades, apresentá-lo como instrumento demoníaco, e também convertê-lo, abrindo espaço para o verdadeiro e único saber, que era do Deus cristão²⁹. Suas práticas curativas foram duramente detratadas pelo próprio Anchieta:

“Já não ousas agora servir-te de teus artifícios, perverso feiticeiro, entre povos que seguem a doutrina de Cristo: já não podes com mãos mentirosas esfregar membros doentes, nem com lábios imundos chupar as partes do corpo que os frios terríveis enregelaram, nem as víceras que ardem de febre, nem as lentas podragas nem os baços inchados. Já não enganarás com tuas artes os pobres enfermos que muito creram, coitados! Nas mentiras do Inferno”³⁰.

²² Fernão CARDIM, *Tratados da terra e gente do Brasil...* cit., p. 172.

²³ Luiz Felipe Baeta NEVES, *O combate dos soldados de Cristo...* cit., pp.124-127.

²⁴ Idem, *Ibidem*, p.54.

²⁵ “A grande vedete da demonologia americana é o diabo: é ele que torna a natureza selvagem e indomável, é ele que confere os atributos da estranheza e da indecifrabildade aos hábitos cotidianos dos ameríndios, é ele sobretudo que faz das práticas religiosas dos autóctones idolatrias terríveis e ameaçadoras, legitimando assim a estirpação pela força”. Laura de Mello e SOUZA, *Inferno atlântico...* cit., São Paulo, Companhia das Letras, 1993, p. 29.

²⁶ Maxime HUBERT, *Índios e jesuítas no tempo das missões*, São Paulo, Companhia das Letras, 1967.

²⁷ Estes rituais, envolvendo as práticas mágico-religiosas indígenas, imiscuidas ao cristianismo, foram brilhantemente estudados por Ronaldo VAINFAS, em *A heresia dos índios. Catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

²⁸ Laura de Mello e SOUZA, *Inferno atlântico...* cit., p. 28.

²⁹ “Lúcifer é o pagé. Este é o locutor infernal que é preciso calar”. Luiz Felipe Baeta NEVES, *O combate dos soldados de Cristo...* cit., p. 93.

³⁰ Idem, *Ibidem*, p.94.

Os inacianos viam-se como médicos espirituais e corporais, expressando assim uma inequívoca correlação entre a cura dos corpos e a perspectiva da conversão à fé cristã³¹. O discurso jesuítico presente nas várias de correspondências vai mostrar que o último suspiro de muitos foi precedido de batismos, como narrou Anchieta sobre o caso de uma índia, já sem esperanças de sobrevivência, pediu o sacramento e rapidamente recuperou a saúde. Anchieta dizia ainda que o batismo “apagava a malignidade das doenças”, causando verdadeiros milagres de cura³².

Em uma de suas cartas, escrita em 1554, contou que um índio fora gravemente ferido no braço. O sangue escorria-lhe das veias sem parar, não havendo meio de estancá-lo:

“Freqüentemente caía em delírio e como parecessem inúteis todos os auxílios humanos, depois de breve expiração de seus pecados recebeu o santíssimo corpo de Cristo, e repentinamente o moribundo reviveu. Por meio destes benefícios e outros semelhantes, costuma Deus onipotente e bondosíssimo irrigar estas searas novas, para que de dia em dia transpareça o aumento da fé, que receberam e conservam”³³.

A intenção era mostrar a recompensa da cura pela conversão ao cristianismo, como afirmou em outra carta de 1556, explicitando claramente esta correlação: “fazemos isto na intenção de preparar o recebimento do batismo (...), por igual motivo é que desejamos assistir as parturientes a fim de batizar mãe e filho. Assim acontece atender-se a salvação do corpo e da alma”³⁴.

De importância fundamental para a catequese, o batismo era o signo por excelência de um novo e verdadeiro nascimento, que não é físico, mas espiritual. Signo da aceitação da conversão e de sucesso, para os missionários, de seu papel de evangelizadores³⁵. Nas cartas jesuíticas datadas dos anos difíceis em que a varíola devastou parte da população indígena, para além do trabalho insano de percorrer léguas e léguas acudindo os doentes, a angústia dos padres voltava-se para o grande número deles que faleciam sem os sacramentos.

A associação entre vida, saúde, conversão e salvação, pressupunha o oposto: a recusa da fé cristã poderia levar à morte. Escrevendo em 1560 de Piratininga ao Provincial Geral da Companhia, contou Anchieta que chegando a uma aldeia para acudir a um índio gravemente enfermo, “para lhe dar algum remédio, *principalmente para sua alma*”, persuadiu-lhe para que aceitasse o batismo e abandonasse seus “costumes passados”. Rebelde, indignado, negou veementemente a oferta por várias vezes, até que, já bem agravado seu estado, “e permanecendo na mesma obstinação, no outro dia, morreu”³⁶.

A cura trazida pelo jesuíta, intermediada pelo batismo, era a legítima, proporcionada em última instância pelo Deus cristão³⁷. A efervescência dos costumes ameríndios, no discurso dos

³¹ José de ANCHIETA, *Cartas...* cit., p. 185. Nos relatos de sua ação missionária no Oriente, o Pe. Francisco de Souza explicitou que o número de convertidos seria bem mais elevado se em cada uma das missões estivesse um bom cirurgião, impregnado “de fé, de fé cristã e de fé na cura que ainda hoje tantos prodígios obra em certas doenças”. Pe. Francisco de SOUZA, *Oriente conquistado a Jesus Cristo*, Lisboa, 1613. Ana Maria AMARO, *Introdução da medicina ocidental em Macau e as receitas de segredo da botica do Colégio de São Paulo*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1992, pp. 94-95.

³² José de ANCHIETA, *Cartas...* cit., p. 180.

³³ «Breve narração das cousas relativas aos Colégios e Residências da Companhia nesta Província Brasília, no ano de 1584», in José de ANCHIETA, *Cartas...* cit., p. 217.

³⁴ Idem, *Ibidem*, p. 147.

³⁵ Luiz Felipe Baeta NEVES, *O combate dos soldados de Cristo...* cit., p. 73.

³⁶ José de ANCHIETA, *Cartas...* cit., pp. 155-156 (grifo meu).

³⁷ Uma doença incurável desaparece com o batismo, a comunhão que opera prodígios, ou até o fato de o jesuíta colocar as mãos sobre o índio; de outra parte, são os objetos de devoção”. Maxime HUBERT, *Índios e jesuítas...* cit., p. 149.

padres da Companhia, poderia ser punida com o castigo divino, por doenças e morte, “porque os que se apartaram de nós outros não fazem senão morrer aqui e acolá, por suas malditas habitações, sem confissão, uns amancebados; outros levados e comidos por seus contrários”³⁸.

A vastíssima documentação jesuítica descreveu lendas indígenas, línguas, tipo físico dos nativos, seus costumes e modo de vida, religião, embates entre tribos. Ao longo do tempo e dos caminhos que trilharam para o estabelecimento e consolidação da Companhia de Jesus no Brasil, fundando colégios e seminários, e tentando cumprir com máximo êxito sua missão evangelizadora e educacional, perceberam o Brasil com os olhos de naturalistas, botânicos, zoólogos, geólogos, etnógrafos, médicos, sangradores, cirurgiões. Os padres da Companhia de Jesus cumpriram com precisão seu modelo de atuação, constituindo-se um de seus princípios básicos a capacidade de serem “polivalentes”, realizando um pouco de tudo para o bem correr de sua divina missão³⁹.

Para além do que vinha da farmacopéia européia e oriental, a natureza brutalizada e violenta do mundo colonial ofereceu aos inicianos as ervas, raízes, enfim, os remédios para as curas, auxiliados pelos conhecimentos dos nativos, graças a quem os jesuítas adensaram suas fórmulas e práticas curativas. No entanto, foram estas mesmas práticas que serviram de apoio ao projeto catequético iniciano, projeto aculturador, que em nome da fé cristã, marcou presença decisiva no mundo colonial.

³⁸ José de ANCHIETA, *Cartas...* cit., p. 189.

³⁹ Célia Cristina Tavares da SILVA, *Jesuítas e Inquisidores em Goa*, Lisboa, Roma Editora, 2004, p. 97.